

# COISAS VELHAS – UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE CULTURA ESCOLAR (1928-1958)<sup>33</sup>

*Regina de Fátima Meira*

A AUTORA pesquisou para elaboração desta obra o Instituto “Joaquim Ribeiro”, na cidade de Rio Claro, durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, a fim de resgatar as práticas que conferiram, no período estudado, o perfil institucional. Vale lembrar que a pesquisadora foi aluna do Instituto Joaquim Ribeiro, entre 1955 e 1957, de modo que, ao realizar os trabalhos, encontrou, de alguma forma, sua história pessoal nos acervos de livros, revistas, fotografias, diários, jornais, cadernos, registros institucionais.

A pesquisadora quis se colocar distante do material que guardava seu passado: “a situação era difícil: tratava-se de falar dessas ‘coisas velhas’, tomando-as como sobras de práticas passadas e dando-lhes um sentido não coincidente com aquele que eu lhe emprestara no passado, como ex-aluna do Ribeiro” (p. 11). No entanto, é possível encontrar em sua obra todo seu encantamento pela escola que estudou e agora pesquisou.

No primeiro capítulo – *Suave Passado* –, a autora configura o Instituto “Joaquim Ribeiro” a partir de duas perspectivas convergentes. Numa primeira fase, busca os principais momentos de institucionalização com o exame de processos, ofícios, termos de visita, livros de registro administrativo, atos e decretos. Num segundo momento, tenta apanhar, das “coisas velhas” pesquisadas – cadernos, jornais, diários de alunos, livros de visitas, tudo aquilo que foi guardado como recordação –, aspectos da cultura escolar do estabelecimento.

---

<sup>33</sup> CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. Coisas velhas – um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: UNESP, 2000.

O Instituto "Joaquim Ribeiro", inaugurado em 2 de março de 1926, foi criado por escritura pública em 8 de maio de 1926, sob a constituição jurídica de Fundação no 2º Tabelião de Notas da Comarca de Rio Claro. A Fundação do Instituto "Joaquim Ribeiro" foi criada pelo Coronel Joaquim Ribeiro e sua esposa D. Augusta Balbina dos Santos. O coronel montou o "Ribeiro" com material escolar adquirido em São Paulo. Havia inclusive material para o pensionato das Meninas, o qual funcionava num prédio à parte. O internato masculino funcionou em sobrado antigo onde morava o coronel Joaquim Ribeiro, situado na Avenida 2 com a Rua 8, um quarteirão abaixo do prédio do Instituto. Já o pensionato das meninas ocupava um prédio no centro com um terreno arborizado e ajardinado, distante cinco quadras do Instituto por ruas calçadas.

Foi também no ano de 1926 que o Instituto iniciou sua "Escola de Comercio", oficializada em 1928, entre outros cursos que a época exigia para a formação do cidadão. A autora enfatiza que o Instituto, desde sua fundação, vendia objetos e livros aos alunos em dias determinados e que a instituição investiu no oferecimento de condições materiais que permitissem aos alunos uma vida voltada para os estudos, tendo, inclusive, para os internos, aula de piano.

Com o aparecimento do primeiro jornal dos estudantes, a vida ribeirense tornou-se mais instrutiva, a intenção desse jornal era desenvolver uma prática que aliasse professores e alunos. O primeiro número foi publicado em 26 de setembro de 1929.

Outra aspiração da sociedade ribeirense foi a criação de um Ginásio Municipal, e como o instituto havia crescido muito no ano letivo de 1928, "o colégio conseguiu inspeção federal dos exames escolares, com bancas examinadoras. Em 1930, inspeção plena" (p. 29). Assim sendo em 1931, o Gymnasio Municipal "Joaquim Ribeiro" foi instalado. Aqui, já dentro do espaço temporal do qual a pesquisadora vai trabalhar as três décadas na qual procura a cultura escolar do "Ribeiro".

Um importante material de pesquisa é o "Termo de Visitas" do "Ribeiro", aberto em 1932. Nesse livro, eram registrados os conferencistas, que deixavam suas impressões após visita ao ginásio. A autora depara-se com a cultura da época nas expressões: "templo cívico", "educandário do saber", "formador do homem e do saber" (p. 32). Isso revela o ideário republicano que implícito.

Em 1938, após acirradas discussões políticas, o Ginásio Municipal "Joaquim Ribeiro" passou ao domínio do Estado e o cargo de diretor vem ser exercido pelo professor João Batista Leme, até 1940. O curso Normal – a Escola Velha – foi criado em 1947. "Criada em definitivo no dia 12 de março de 1947, está consubstanciada em projeto de Decreto-lei nº 17110, assinado pelo interventor Federal e o Secretário da Educação e Saúde Pública" (p. 41).

Ao querer desarticular a vida escolar do Ribeiro, a qual parecia tão coesa, a pesquisadora, encontra nas páginas do "O Ribeirense" uma série de oposições a Escola Normal do Ribeiro. Os descontentamentos são de professores e também de alunos, culminando no ano de 1956 com um boato de que o Estado havia abandonado o "Ribeiro". Com as críticas da imprensa e o movimento na cidade, o Estado ainda tenta articulações para que possa dar credibilidade ao Ribeiro. Em 10 de agosto de 1956, nomeia como diretor do Ribeiro o Prof. Diniz. "Assim chega o prof. Diniz, com cargo

efetivo, competência organizacional na divisão de atividades e dirigia o trabalho com camaradagem (Depoimento de Manoel da Silva)" (p. 48).

Já nessa época, aspirava a cidade um "Instituto de Educação". Toda essa problemática a autora vai encontrar nos artigos do prof. Cardoso no jornal "Diário de Rio Claro". O prof. Cardoso respondia a seus questionamentos e sua pergunta era sempre "E o nosso Instituto?". São essas as reivindicações de uma sociedade sempre em busca de melhorias na área educacional do Colégio e da Escola Normal "Joaquim Ribeiro", que foi transformado em "Instituto de Educação" pela lei nº 3.796, publicado no Diário Oficial de 8 de fevereiro de 1957. Assim, encerra-se o período de pesquisa da autora em relação ao "Joaquim Ribeiro" e, nessa cronologia, ela busca todo o interesse que a sociedade local teve em manter em sua cidade uma escola oficial que fosse de qualidade. É inegável que a cultura desse período é bem marcante.

A partir desse relato histórico da formação do Instituto "Joaquim Ribeiro", a autora passa a analisar outros materiais, haja vista que o objeto de sua pesquisa era mapear a cultura escolar do período estudado. Assim, ao examinar as normas disciplinares do Instituto, encontra normas muito rígidas: "O Regimento era minucioso na regulamentação das condutas adequadas ou incompatíveis ao ambiente escolar" (p. 51).

O Instituto usava de mecanismos de repressão aos que desobedeciam o regulamento com "penas", e existia a figura do monitor para controlar os alunos. Com a pesquisa dos cadernos de classe, a autora afirma que os ensinamentos em sala de aula, nas matérias de Sociologia, Filosofia da Educação, refletiam os mecanismos de repressão. Com relação à indisciplina em sala de aula, o professor deveria retirar o aluno da aula e encaminhá-lo ao gabinete da diretoria. Não havia castigos físicos. Porém, o bom comportamento (dentro das normas do regimento) era premiado.

Nas festas e rituais cívicos, o Instituto não é diferente de outras escolas da época, reforçando os ideais republicanos. Grande importância era dada aos desfiles das datas comemorativas, a exemplo do dia 7 de setembro, dia da Independência, bem como à outras comemorações que aconteciam no Centro Cívico Erasmo Braga. Em todos esses programas, incluíam-se sessões cívicas.

No segundo capítulo, a autora trabalha os fragmentos históricos e, como ela mesma faz questão de frisar em suas considerações finais: "Acredito que o principal mérito desse trabalho é ter se utilizado de fontes relativamente pouco exploradas em História de Educação. Qualquer que seja, no entanto, a contribuição que o 'percurso de investigação' tenha trazido, minha pretensão foi apenas a de abordar de modo fragmentário a cultura escolar que configura o 'Ribeiro' como instituição educacional. Desta pretensão decorreu a configuração que este trabalho assumiu, montando-se como conjunto de flashes sobre a vida escolar, construídos a partir do recorte que privilegiou a análise destes materiais" (p. 228).

Desse modo, o que seriam para a autora esses fragmentos históricos? Estão pautados na educação dos valores da época, no controle sutil da vida doméstica e nos pequeninos gênios da arte. Tudo isso foi buscado nos cadernos escolares, material muito difícil de ser garimpado, haja vista que não é comum guardar esse tipo de registro escolar. A autora deixa isso muito claro e faz a ressalva que encontrou mais cadernos femininos do que aqueles que pertenciam aos meninos: "os cadernos esco-

lares que examino foram conservados, em alguns casos, por mais de sessenta anos, nas residências de antigas alunas do Ribeiro. São sobretudo cadernos de mulheres, dado que os homens se interessam menos em guardá-los” (p. 94). Aqui, os cadernos são divididos segundo a função que exercem na sala de aula, ou seja, anotações e lições de casa.

No exame dos cadernos, a autora depreende as práticas escolares da época, como os resumos, o medo incontrolável das sabatinas, a questão da memorização pura e simples dos pontos dados na sala de aula. Depreende também como os cadernos eram organizados: os cadernos de classe eram onde o aluno fazia suas anotações e organizava sua vida escolar; o caderno de lições era para o estudo em casa. Os vistos dos professores eram acompanhados de juízos como “muito bom” e “ótimo”. Já nos cadernos de Sociologia do Normal encontram-se lições de valores, as quais priorizavam valores “morais”, “espirituais”, “materiais” (que satisfaçam às necessidades do espírito), modos do indivíduo se ajustar, liberdade, segurança.

Outro objetivo das investigações sociais era o estudo da cultura, sempre distinguindo o significado popular e o científico. As representações do estado aparecem articuladas nos cadernos.

Também “o controle sutil da vida doméstica” era feito por dois cadernos: “Um primeiro de capa dura, encapado e decorado com motivos pertinentes, (...) outro caderno de desenho tamanho ofício, decorado como o primeiro, prestava-se a recolher ilustrações referentes ao conteúdo: gravuras, desenhos do próprio aluno (...)” (p. 123/124). Para entender o valor dado a isso, é preciso lembrar a importância atribuída à educação das moças e o curso Normal tinha essa função.

Em “pequenininhos gênios da arte”, os examinados são os cadernos de desenho, a cultura ao belo, ao organizado: “além da prática de educação do ‘bom gosto’ e de organização” (p. 128). Além dos cadernos de desenho, havia aulas de corte e costura e bordados para as moças, como parte do aprendizado para a vida doméstica. A autora apreendeu da aula de bordado um esquema de controle social, pois, com o bordado, a moça se distraía e ficava muito tempo dentro de casa. Isso fez parte da cultura do “Ribeiro”, bem como de outras escolas da mesma época.

No terceiro e último capítulo, a investigação se processa através dos jornais dos estudantes que foram quatro: *O Ribeirense*, *A Tesoura*, *A Mocidade* e *o Normalista*, os quais foram editados entre 1929 a 1958. Segundo a autora: “Nesses jornais foram se instaurando ‘fases’, desde a publicação do primeiro número, as quais identifiquei pela alteração dos nomes do diretor e do redator dos jornais, no cabeçalho e pelo reinício das numerações. (...) Essas fases, indicadas no jornal que estampava também os nomes de quem estava à frente das diretorias subsidiando as publicações” (p. 139). O título do terceiro capítulo é “o equilíbrio e o desequilíbrio das palavras”, isto demonstra o tipo de apropriação que a autora pretendeu fazer de posse desse material jornalístico estudantil.

Marilena pretendeu verificar como foi analisado o período histórico do Ribeiro por quem escreveu nesses jornais, quais os ideais, as críticas, como respondiam às expectativas educacionais. Note-se que o período pesquisado abrangeu o golpe de estado da era Vargas, e desses quatro jornais, *O Ribeirense* foi o que circulou nos períodos

marcados pelas grandes alterações sociais ocorridas na vida política, social e cultural do país após o longo movimento da revolução de 30.

Já o *Tesoura* tinha um tom satírico e utilizava a sátira para desmontar as personalidades ilustres e heróicas, mostrando um tribunal de inquisição ao modelo da época. A autora, ao exame dos jornais *A Tesoura* e *O Ribeiro* mostra as tendências de cada um: “Ambos veiculam artigos cheios de críticas, porém cada um o faz de maneira diferente. Enquanto em *O Ribeirense* as críticas sugerem formalidade e até certa cerimônia, dependentes da forma séria como são colocados, em *A Tesoura* são diretas, satíricas e mordentes” (p. 186). *O Ribeirense*, nos seus últimos anos de circulação, “exerceu um outro tipo de vigilância sobre a leitura. Tratava-se de instruir e orientar o aluno com artigos saturados de princípios tidos como ‘democráticos’ e de caracterizar negativamente o comunismo” (p. 225). Assim o jornal serviu de instrumento para implantar a força o ideário republicano.

Os jornais estudantis também recomendavam a leitura, e isso era uma tônica do Instituto Ribeiro. Em alguns artigos, sugeria-se a importância do conhecimento da poesia, das obras literárias, mas ainda havia o crivo do professor ao decidir o que devia ou não devia ser lido.

A obra de Marilena busca, nos documentos e na memória, uma análise da cultura escolar e das práticas escolares desenvolvidas pelo Instituto “Joaquim Ribeiro” e num trecho já transcrito do próprio livro, a autora quis trabalhar com algumas categorias de análise bem pouco pesquisadas na história de educação, pois alguns documentos escolares são difíceis de ser conservados por alunos e familiares. É interessante e vale ser verificada a análise dos cadernos, pois muitas coisas da cultura escolar estão ali de forma bem delineadas, como o período foi vivido e vivenciado por todos os alunos, as críticas, os preconceitos, os professores e como tudo isso se solidificou na vida social e cultural de Rio Claro. Na memória de alguns entrevistados, ela buscou como tudo aquilo ficou gravado na ótica de cada um e ainda vale reiterar – Marilena foi aluna do Ribeiro e teve de manter-se afastada o quanto lhe foi possível para que pudesse ser imparcial em suas investigações; e a obra é um roteiro de análise de categorias de instituição escolar.